

Ceará



Nos fios do filé: a força e a história de dona Diassisa

Entre as serras do sertão cearense, na comunidade de Lagoa do Pé da Serra, em Quixelô, vive Francisca Amélia da Silva Correia, conhecida carinhosamente como dona Diassisa. Aos 63 anos, ela carrega nos olhos o brilho de quem fez do trabalho artesanal um legado de vida. Mãe de duas filhas e morando sozinha, dona Diassisa é a prova de que a força feminina floresce mesmo nos terrenos mais áridos.

Seu caminho com o filé — bordado tradicional nordestino — começou cedo, aos 15 anos. De agulha em mãos e sonhos no peito, ela transformou linhas em esperança. Participou de um projeto com intuito de incentivar mulheres da comunidade no bordado, mas, diante das dificuldades, muitas desistiram. Ela, porém, permaneceu firme. “No interior que a gente mora, o pouco que ganha é muito bem-vindo”, diz, com a sabedoria de quem conhece a realidade do sertão.

Durante os anos mais difíceis, quando a renda mal dava para sobreviver, foram os panos bordados que pagaram as contas de luz e água, que custearam os estudos das filhas, que garantiram dignidade. Para dona Diassisa, cada peça é mais do que um produto: “Esse pano é meu símbolo de força. A minha vida sempre foi fazendo o meu trabalho.” Assim, seus bordados são capítulos silenciosos de sua história, tecida ponto por ponto.



Hoje aposentada, ela continua bordando. Beneficiária do Programa Cisternas, com as tecnologias de armazenamento de primeira e segunda água, dona Diassisa tem no quintal uma pequena horta, onde cultiva cheiro-verde, cebolinha e pimenta. “Aqui não tem água. Ai de mim se não fosse as cisternas. Nunca secou minha cisterna”, conta. Entre o cultivo da terra e o manejo das linhas, ela encontra no trabalho não só sustento, mas também prazer. Passa as manhãs cuidando da casa e, a partir das 13h, senta-se diante da televisão e borda até as oito da noite. “Tudo que a gente faz com amor, Deus abençoa”, afirma, transformando o ofício em oração silenciosa.

O bordado de filé exige precisão: cada ponto tem um tamanho, cada fio, uma contagem certa. A tela-base das peças é comprada de vizinhas que as tecem; assim, dona Diassisa concentra-se no bordado, produzindo em média 25 peças por mês. O destino delas são os atravessadores — intermediários que compram barato e revendem caro. Ainda assim, ela não desanima.

Nos fios coloridos do filé, dona Diassisa borda sua resistência, seu sustento e seu lazer. Sua vida é testemunho de que, no sertão, o trabalho artesanal é mais que uma fonte de renda: é memória, cultura e força. Entre cisternas, hortas e panos bordados, ela nos ensina que a arte feita com amor é bênção e sobrevivência.

